A NATUREZA DOS ENCONTROS

CARLOS BEVILACQUA

Carlos Bevilacqua é artista e professor na Escola de Arte Visuais do Parque Lage. Há mais de 35 anos produzindo esculturas, Bevilacqua força os limites das forças que sustentam suas esculturas no espaço, sejam elas feitas de madeira, metal, vidro, borracha, mármore, pedra ou outro material qualquer de seu vasto repertório. Essa pressão, todavia, é feita com delicadeza e poesia.

Escapando de uma leitura simplista que associa seus trabalhos ao formalismo e às questões modernas da arte, o artista constrói seu universo próprio. Ou melhor, esse universo está sempre em construção, infindavelmente. Fossem removidas as paredes das Cavalariças, sua exposição-obra se expandiria indefinidamente. Contido no local expositivo, ainda assim ela ocupa um espaço indeterminado. É como galáxias dentro de aglomerados, repletos de pulsares, quasares e buracos de minhoca capazes de nos transportarem para espaços-tempo concomitantes. Contudo, é este nosso mundo aqui mesmo, sua obra aborda a conexão entre o mistério e o concreto, que nos envolve.

Nesta exposição, podemos reparar nos eixos que Bevilacqua traça no ambiente expositivo e que são espécies de referências às ligações entre céu e terra, entre mitológico e “real” (aqui entendido como alguma coisa que independe de uma cosmogonia, mais atrelado às ciências duras). As reflexões filosóficas, as proporções e as equações matemáticas, as mitologias, também a Física e tantos outros campos de saber são interconectados no pensamento plástico de Bevilacqua. A despeito dessa carga reflexiva, o espectador não se sente excluído, ao contrário, conecta-se pelo olhar e quer alcançar tudo isso com as mãos, como que lhes dando existência: à obra e a si mesmo.

O artista enxerga a energia vital que está por trás de (quase) tudo, e o público se conecta, de alguma forma, ou de várias maneiras. Há uma chave da conexão entre todas as coisas, unida sem uma cola, mas por forças invisíveis, ou indizíveis, que, no caso, são, em certa medida, materializadas pelo artista, promovendo encontros entre todas essas instâncias, que, por vezes, pensam-se dissociadas.

Como disse certa vez o astrônomo estadunidense Carl Sagan (1934-1996): “Se você deseja fazer uma torta de maçã do zero, deve primeiro inventar o universo.”

André Sheik
Curador